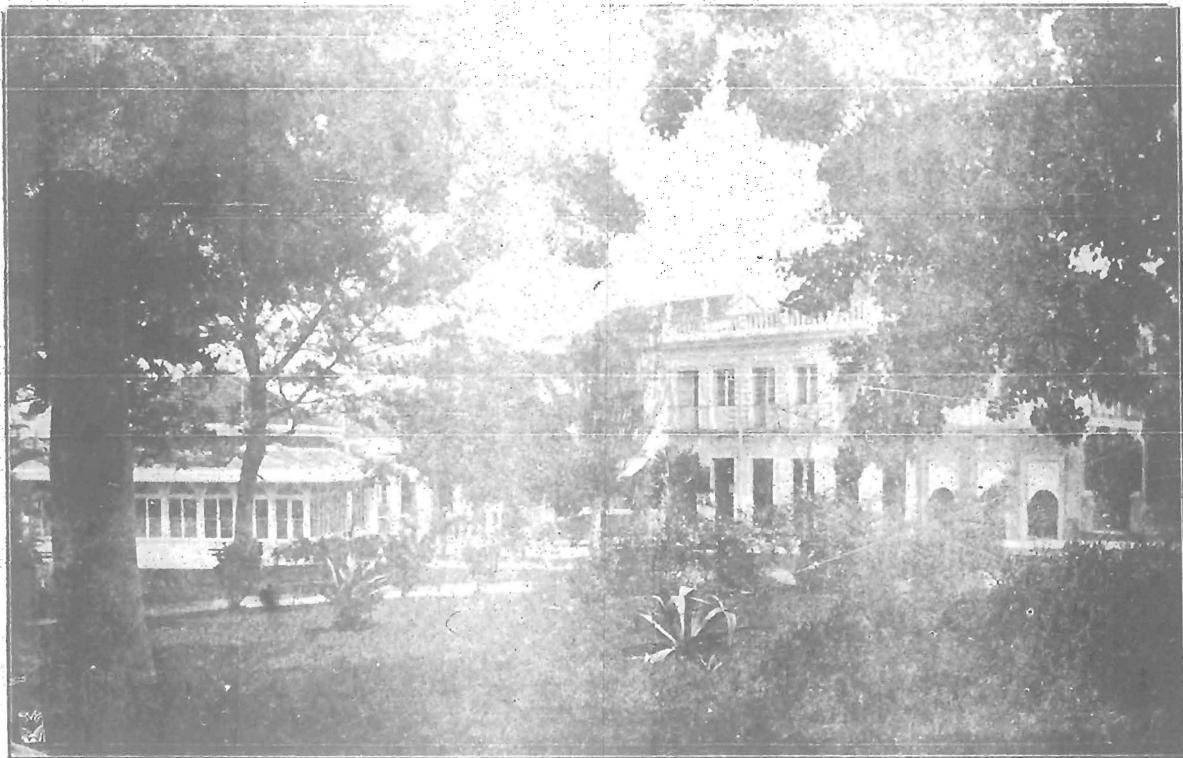


Nova Trento

Major Hypolito Boiteux



„Café Nata“ e „Pensar Lailiar“ na Praça 15 de Novembro

ANNO I

NUMERO 21

florianópolis, 3 de Setembro de 1916

# „A PHENIX“

**Semanario Ilustrado**

Redacção--Administração--Oficinas

RUA TENENTE SILVEIRA N. 2

## DIRECTOR

Edmundo Silveira

## ASSIGNATURAS

CAPITAL Anno . . . . 15\$000-  
Semestre . . . . 8\$000

INTERIOR Anno. 18\$000  
Semestre. 10\$000

NUMERO AVULSO 400 Rs.

ATRAZADO 500 Rs.

## ANNUNCIOS

1 pagina a 3 cores . . . . .	30\$000
1 .. .. 2 .. ..	25\$000
1 .. .. 1 .. .. e cliché	20\$000
1 .. .. simples com vinhetas.	15\$000
1/2 pagina a 3 cores . . . . .	18\$000
1/2 .. .. 2 .. ..	15\$000
1/2 .. .. 1 .. .. e cliché	12\$000
1/2 .. .. simples com vinhetas	8\$000

Os annuncios gosarão dos seguintes abatimentos:

2 mezes 5 l., 6 mezes 15 l. e permanente 25 l.



## SEMANARIO ILLUSTRADO

ANNO I

FLORIANOPOLIS, 3 de Setembro de 1916

NUM. 21

### Sem pretenções à crónica

Vim de contemplar, por um instante, o crescente azul da lua. A noite está estrelada, ricamente estrelada, mas fria; o *terral* sopra das bandas do continente e vai fazer, por certo, que eu, para a minha cama, exija agora mais cobertores...

Depois dos alagados dias que até ha pouco derroam, dias de encolhido tédio e ásperos pessimismos, esse luar de opala dá-nos o prenúncio do bom tempo, dos dias setembrinos, primaverais, azues e floridos, com muito sol, muito vento norte e muita vontade de se resarcir a tristeza dos extintos dias pluviosos com luminosas jucundidades.

Setembro....

Setembro é a primayera, é a seiva circulando da ponta das raizes aos galhos flexuosos do arvoredo que se enfolha, Setembro é o acordar das energias da terra. A Natureza, estremunhada ainda, boceja ao despertar.

Pelas grades e muros dos jardins as serpenteantes heras subirão, viçosas; e nos canteiros ha pouco surrubbados a grama espontará, crespa e fofa como êsses bas-tos tapetes orientais em que o ruido dos passos se afo-ga e morre; contemplando o azul do céu arqueado sobre a maravilhosa resurreição das fecundas energias da terra, as rosas nas hastes trêmulas sorrirão, entre azas de borboletas e colibris...

Primavera! ó tu que não tardas, eu te saúdo desde já no chirlear das andorinhas, que, esta manhã, vieram alegrar o meu beiral ainda húmido das passadas chuvas!

Altino FLOR&S

\* \* Não quem não conheça e tenha lido já, mesmo as pessoas de mais rudimentar cultura, as brilhantes revistas que são «Fon-Fon, Careta, Revista da Se-

mana» e outras do mesmo genero, que se publicam no Rio de Janeiro e nas quaes são troçados ainda os vultos mais eminentes do paiz. Até hoje não consta que algum dos atingidos pela critica humoristica desses semanários tenha brado pelo cafés e secções livres dos jornaes contra os redactores ou collaboradores dessas revistas.

Muito menos viu-se ali, como em S. Paulo e demais Capitaes do Brazil onde existem publicações da mesma natureza, responder-se a simples pilherias inoffensivas com diatribes e linguagem de calão, mais proprias de alcouces que da tribuna da imprensa.

Entretanto, na nossa terra, com magoa o dizemos, ainda existem pessoas que assim o não comprehendem.

O Snr. Herculano Freitas, por exemplo, julgando-se atingido pelo humorismo de uma de nossas secções, tem andado por ahí a aggredir reputações de collaboradores nossos, a quem attribue alvarmente a intenção de prejudicar a paz de seo lar.

Houve um engano da parte do nosso collaborador, que deve agora d'ele se penitenciar: o ter tornado a sério o Herculano, cuja inopia intellectual desconhecia.

Ora, o Arculano!.....

Para podermos attender aos nossos collaboradores damos o presente numero com 16 paginas de texto.

Que o publico continue a nos dispensar a sua protecção é dentro em breve a nossa revista apresentará, a par de novas secções, maior numero de páginas.

Regressou do norte do Estado, o nosso estimado collega sr. dr. Rupp Junior, digno director d'O Estado.



## Dr. L. Diniz Junior

actualmente no Rio de Janeiro, onde  
exerce o cargo de Inspector escolar  
do 19º. distrito

# A PHENIX

## Soberania jovial

Com o nosso almoço realizado em 26 de Agosto no Hotel Taranto fiz-se o baptismo dos novos Deputados, Srs. A. Ramos, Renaux, Jóe, Thomaz Vieira, Boehm, Perini e Procopio.

Estavam presentes 18 Srs. pais da patria birmaga verde, faltando porém to la a representação do 1º Distrito.

Vernicado nº legal o Sr. Presidente declarou aberta a sessão. O expediente constou de Canja e Mayonaise de Camarão.

Em quanto se desenraia e devorava a ordem do dia que constava de frango assado, Costelletas de Porco, panadas, Aspargos au molho manteiga e Fillet e batatas au santo, o Sr. Caetano Costa fez circular o seu Menú, com esta quadrinha:

O solemne baptizado  
Que se realiza aqui  
Deve ficar registrado  
Assignando-se o Menú

Pegou fogo no rastilho da inspiração.

O Sr. Ulysses Costa, que naturalmente por motivo de ordem publica, fora tambem convidado, escreveu no seu Menú:

Sabem Vocês que eu afirmo  
Uma verdade certíssima,  
Reparem no Arthur Costa!  
Que cara reverendíssima.

O Sr. Arthur está barbeado à ingleza, ou por outra desbarbado.

Voavam os remoques e as pilherias principalmemente entre os Srs. Konder e S. Thiago, Vasconcellos e Thiago de Castro.

Commentava-se a ausencia do pessoal do 1º Distrito; e no Menú do Sr. Dorval o leader lançou esta estrophe:

Dorval, Boiteux e Perera  
Quem esperava por esta?  
Todo o pessoal do primeiro  
Fez synalefa na festa.

A esta censura o Sr. Ulysses Costa desculpou solícito:

Não condemnem. P'ra dizer-lhes  
Sinto-me ate contrafeito  
Dorval morreu afogado  
Na barquinha do Estreito.

A ironia e a graça scintillavam

O Sr. Julio Renaux que anda sorumbatico e sempre é visto na companhia de moças bonitas, numa apurada galanteria de estudante em ferias, não foi

poupado: no seu Menú foi lançada a seguinte quadra:

Nosso collega Renaux  
Tem o coração ferido.  
Falta as sessões. Sofre a patria  
Co' as diabradoras de cupido.

O Sr. Thiago de Castro, solemne, arregaçando as mangas e puchando o collarinho, fallou como decâno do Congresso.

Diz cobras e lagartos da politica e depois, em tom prophético abençoou os neophitos, augurando-lhes as maiores infelicidades na carreira, apontando-lhes a via dolorosa do Congresso do Estado ao Senado da Republica. Ao ouvir fallar em vi... o Sr. Vasconcellos que estava ao lado formalizou-se e fez acenos ao chefe de Policia.

Lamentava-se a ausencia do Sr. Carolo, o mais querido deputado, entre os seus pares. Manifestava-se claramente um certo despeito pela sua ausencia que o Sr. Albuquerque procurava explicar.

O Sr. Ulysses Costa reflectindo o geral desejo de vingança escreveu no Menú do deputado ausente.

A ausencia do Carolo  
A toda esta gente ancestral!  
Se faltou e que está farto,  
Ja teme a barriga cheia!

O Sr. Caetano Costa acrescentou ferozmente:

Estar de barriga cheia  
Não é sempre bom estado!  
Se é de estado interessante  
Demanda muito cuidado»

O Sr. Ulysses Costa brindou com muita verve aos novos desde o Sr. Thomaz Vieira, que não está muito tenro (elle usou outro termo que fez rir muito ao Sr. Vasconcellos) até ao Sr. Renaux que vive a fazer madrigaes a bella aurora que desponta na sua vida politica e proxima futura conjugal.

Fallam com muito espirito os Srs. Konder e S. Thiago. Este fez tambem algumas quadras que escaparam á nossa reportagem.

O Sr. Joe Collaço termina a festa lendo a acta da sessão, que é um primor de espirito e uma bella peça litteraria no genero joco-serio.

Não ha duvida.

A soberania está jovial. Se no almoço não houve cantata, pelo menos foi um almoço cantado. E como quem canta seu mal espanta....

Maxima de Dantou e accepta pelo Positivismo:  
«Só se destróe o que se substitue.»

## Poranduba Catharinense

(Continuação)

Os caracteres do portuguez sofreram uma transformação ao influxo do novo clima e da raça selvagem. A nova progenie, na trévia e na ligeira obliquidade dos olhos, no negro de seus cabelos, na saliência dos zigomas, fazia ressaltar, à primeira vista, a mestiçagem guarany.

Ainda hoje, nos tempos que correm, ao confrontarmos a estructura, a linguagem, a entonação da voz, o modo de expressar-se da gente do município de S. Francisco, ao norte do Estado, com os habitantes da capital e mesmo do litoral sul, resalta logo a nossa observação a influencia do guarany no conjunto dos caracteres, bem accentuados ainda, muito embora as colônias alemanhas, estabelecidas nas circumvizinhanças, a venham vigorosamente modificado.

O mesmo se dá nos municípios serranos, cujo povo se destaca do habitante da marinha pelo seu intelecto, estatura, coloração da pele e outros característicos humanos, além da linguagem, nos quais se notifica a penetração do elemento selvícola na massa geral.

No aspecto do serrano actual há alguma evocativa dos antigos cruzamentos do branco e guarany, que deu em resultado o mestiço, extraordinário em aforfeza e galhardia o *bandeirante*.

O clima, a vida pastoril a que se entrega, dão ao lageano e aos demais habitantes da zona serrana uma structura vigorosa e sônia, grande amor pela liberdade, muita viveza e bravura, ao par de uma alma poetica e sentimental.

Após o portuguez reinol e ricos ilheos, sonhando aventuras e riquezas fáceis, após pequenos grupos de vicentistas e paulistas (brazileiros natos, puros e mesclados) recebeu a terra catharinense, para povoal-a e arroteal-a, um grande contingente de 4,024 colonos açoritas, na mór parte, e poucos madeirenses, que aportaram às nossas plagas pelos annos de 1748 a 52.

Vejamos qual a procedencia ethnica dos colonos recem vindos.

No correr dos distanciados annos de 1431 perniciava as aguas do Atlântico, com rumo ao poente, a branca prôa de uma caravela portugueza ao mando do galhardo nauta Gonçalo Vaz, quando, emergindo da salsugem das ondas, foram avistados uns adarços negros e hispidos — as Formigas.

Eram esses escolhos os primeiros signaes de existencia do bello archipelago dos Açores.

Quem conhece a lenda da Atlântida — dilatado o povoado continente que se espraiava ao occidente

por leguas, em fin — ao avistar o risonho archipelago sente como ionado que a Atlântida de verdade resurge naquellas ilhas, fragmentos salvos de um cataclisma remoto e horrido. E, ao tocar com as plantas timoratas, com o olhar curioso e prescurtador o sólido açorita nos seus aspectos vários e originaes, sente a cada passo, bem patentes e accentuados, os signaes profundos, as ciatrizes horribres, impostos ao perpassar dos séculos pelas forças plutonicas em fúria desabalada.

Todo os symptomas e manifestações terríveis do vulcanismo, como crateras hiantes, adormecidas umas, em actividade outras, ruidos e abalos subterraneos, aguas thermaes, saetas fulgentes, emanações sulphuro-sas, maremotos, irrompende flagelante quando em quando a pacata, laboriosa e sympathica população daquellas relentes e férteis ilhas. O archipelago, logo a os o seu descobrimento, foi mandado povoar com algarvios — gente loquax e cantadora, nucleo esse reforçado, pouco depois, com algumas famílias castelhanas e um bom grupo de alemaos flamengos, chefiados por Jacques de Bruges.

«As ilhas dos Açores. Ma leira — diz-nos Theophilo Braga — colonizadas no século XV, quando a nossa tradição poetica estava mais viva, são hoje as que apresentam as mais bellas tradições, hegendo a perpetuar factos da história portugueza ou do século XVI, como a morte do príncipe Dom Afonso em 1491, ou a batalha de Lepiuto em 1572, tratados nos seus rudimentos epicos».

Assim, longe de influencias exteriores, aquelles elementos se fundiram, dando em resultado o açorita de que lançou mão o Governo da Metropole, para povoar a Capitania de Santa Catharina, reinvigorindo o elemento branco em declínio.

Afeito, como os habitantes do sul da Italia, a uma luta constante contra os elementos perturbadores da estabilidade de um só o fertil e remunerador, adquiriu o açoriano qualidades excellentes como: resignação, pertinacia e resistencia, aliadas a uma índole mansa e cordeira e moralidade provada.

Cercado pelo escarcéo, e madria das ondas empollaras pelo cyclone, fez-se marinheiro e dos melhores.

O tipo da mulher açorenhã é, no geral, gentil, cheio de viveza e graça natural.

De estatura mediana, corpo esbelto e delgado, tem a tez moreno-clara, olhos negros ou castanhos, cabellos sedosos da mesma coloração, mãos e pés pequenos e bem modeados. A voz melodiosa e cantante. Encontram-se, como live occasião de observar em Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, tipos claros, roscos e aloirados, reminiscencias atavicas do flamengo

# A PHENIX

## RISCOS...

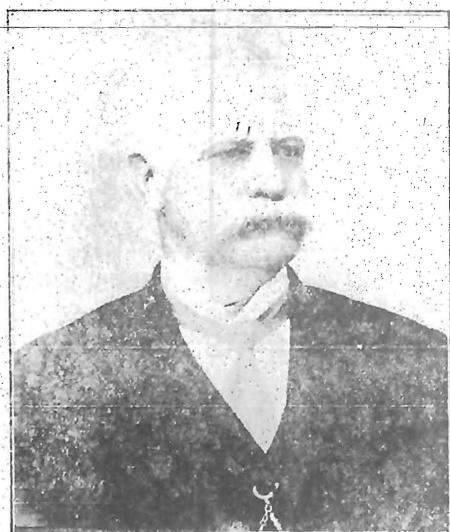
povoador, como também descendentes de naufragos bretões que outrora imigravam para o Canada. Os superstites do sinistro lundaram naquela ilha um pequeno povoado a que deram o nome evocativo Bretonha.

Ao transplantar-se para as nossas plagas o açoiano sofreu na estrutura firme, massica e sadia a ação deletéria do paulismo, principalmente aquelle que permaneceu na faixa do littoral.

Notamos hoje, com tristeza, especialmente nos habitantes da ilha, uma já bem accentuada decadência ou degeneração physiologica.

(Continua)

Lucas A. Boileux



### Coronel Gustavo Richard

Na terça-feira, 29 do mês findo, completou mais um anniversario natalicio o Exmo. Sr. coronel Gustavo Richard, ex-Governador deste Estado.

S. Exa. que é um republicano de gloriosas tradições, fez uma administração proveitosa e digna, impulsionando, de maneira inconfundivel, o nosso progressamento material.

A sua passagem pelo Governo é sempre lembrada pelos catarinenses que sabem fazer justiça ás suas elevadas intenções de exemplar administrador.

«A Phenix», associando-se as demonstrações de estima e apreço tributadas á S. Exa, apresenta ao ilustre republicano as suas sinceras felicitacões.

Expulsos do Olimpo, com os olhos ainda cheios das alegrias da apoteose, os deuses luminosos desceram para a terra...

Inerizadas humanas, duras e cansadas peregrinações ao longo de caminhos desertos, resignadamente suportaram !

Por todas as bandas a gleba hostil, a indefesa dos campomios, as atitudes estranhas das propriedades ecclizias que elles haviam criado !...

Glorias e exultações; oferendas d'ouro e sangue que a mutica dormente dos baúlados suavizava a rudeza ritual; tudo acabara, tudo ! espavoridamente, as novas crenças que os pastores do novo Deus entoavam ao sol...

A caravana seguia estrangulada pela mesma amea, destrô da mesma tortura da Esperanca, dolorosamente, indefinidamente avante !

E insaciável o Tempo digeria os anos, calmo e impassível como uma besta...

Os deuses maravilhosos iam um a um mórrendo, a beira das estradas, entre as roxas secas das coroas e o sadio zumbido das abélbias; d'olhos roxos d'insomas, sob o céu tocado de tintas e de silêncio...

Tombavam exangües, soberbos, estoicos e predestinados !

Da coréa enorme que partira naquella triste manhã da expulsão, uma dezena ficou; uma unica apenas, e que nascerá do ultimo espasmo do deradeiro deus que morria...

E desde então, como um Adeus ! ella vagueia pela terra, eterna e dolorosa a companheira dos tristes, sob o suavissimo nome de — Saude...

Simon de Monfort

### Di Stecchetti

(Traducção)

Dóe-me a cabeça, Tenho resequido  
O labio pela febre, que o mal tem,  
Estou débil, doente, enfraquecido  
Mas quando penso em ti, sinto-me bem.

Mas quando penso em ti, cessa a afflicção  
E volta-me a esperança ao coração,  
Para não soffrer assim devo morrer,  
Mas quando penso em ti quero viver.

A prece é para nós o ideal da vida; porque orar é ao mesmo tempo amar, pensar e agir.

## A victimá

Tem de ser sempre assim !

A maledicencia e «como o carvao, quando nao queima, tisna».

Nao sei o que mais admirar; se a facilidade com que os homens duvidam da reputação de uma indefesa mulher ou se as artimanhas que empregam para defendem um ente delicadamente fraco, porem muitas vezes moralmente superior.

Ao emvez de uma defesa que nao deixe a menor interrogativa sobre a vida purissima dessa adoravel criatura que se vê agora a mercé de accusações descabidas, surgem os maldizentes com os seus pensamentos mal velados, pontilhados de reticencias impertinentes que originam a dúvida, sempre a torturante duvida.

Pobre é desventurada criatura que, à noite, ao paillor do luar, eu vejo, travez as venezianas de minha janela, soluçar amargamente, enxugando, de quando em vez, as lagrimas que lhe correm as faces infelizes.

Eila desgrenhada, nervosamente pallida, olhos fundos e pisados, como os de uma triste monja, nuns esgares de allucinação, comprimindo n'uma das maos delicadas a carta anonyma, que lhe causa todo o seu mal estar, e n'outra o lenço de seda, embebiido no fel amargo de seu pranto copioso.

Approxima-se da janela. Retrocede

Da passos incertos pela sala. Leva as mãos aos cabellos em desalinho. Profere exclamações.

Maldiz a fragilidade de seu sexo e vocifera contra o convencionalismo estupido da sociedade exigente.

Tem impetos de gritar desoladoramente, de pedir que a defendam da malidicencia que anda agora arrastando o seu nome impiedosamente pela amargura das decepções, ella que era tão simples e tão boa ! vivendo somente para o bem e para a virtude.

Vendo-se ali completamente isolada, entre as quatro paredes de um gabinete que parece um detestavel carcere, segregado, ocasionalmente, das pessoas que lhe eram affectivas, temendo encontrar olhares interrogativos, deixa-se cahir n'um profundo abatimento moral, n'uma terrivel excitação nervosa.

Crente ainda, eleva os seus tristes e piedosos olhos negros para os longes, esperando um lamprear de misericordia...

E n'um contraste desolador, lá fora, a rua era soturna e triste. Nem o mais leve passo quebrava a innotonia do silencio.

No alto, a lúa nostalgica e indiferente diluia a poeira argentea dos pallores sobre a semementeira das melancolias...

E vendo o sofrimento moral dessa desolada mulher, o meu espírito, affeto às amarguras de evocações tristissimas, volta-se para aquella torre de marfim, onde os caprichos imbecis de um velho mandarin oriental enclausuraram-me, longe dos olhares de seus rivaes e das varias sensações do mundo.

Como as nossas dores se casam !

Oh! sé eu pudesse amparal-a no seu transe angustioso, levar-lhe palavras ungidas de affeção e mostrar-lhe que os homens são sempre perversos e egoistas!...

Ninguem melhor do que eu, observa, perscruta, sente travez as venezianas indiscretas de minha janela, tudo que se passa no lar da minha lacrimosa vizinha.

A sua vida é limpida como um espelho. Entretanto, ella que é tão simples e tão meiga, não escapou à perversidade torpe.

Como revolta tudo isso !

Infelizes que somos nós as mulheres !

Debatemo-nos, como naufragos, em meio de uma sociedade em dissolução.

Os homens, no seu alto orgulho, julgam-se n'uma esphera intangivel.

Os interesses e os caprichos predominam.  
A vaidade cega-os e leva-lhes o temor da nossa concurrencia as posições que ocupam.

De que servem os versos do poeta florentino:

Supplica a te, per grazia, di virtute

In te misericordia, in te pietate

In te magnificenza, in te s'aduna,

Quantunque in creatura é di bontate.

Mas se a mulher é a fonte da virtude, da bondade, do Bello, em summa, porque essa tortura, essa impiedade que vem dos homens e que lhe deixa os olhos rasos d'agua e a alma fundamental dilacerada ?

Tem de ser sempre assim ! As mulheres, — almas fundidas no cadiño das provações, nasceram para o sofrimento.

Não importa que o numero das victimas augmente...

A minha desventurada vizinha é mais uma victimá da maledicencia dos homens...

*Mme. de Crysanthème*

Fpolis, 1916

## Vox populi...

Do Brito, solteirão inveterado,  
Diziam na cidade surdamente,  
Que adoptando os costumes do Oriente,  
Tinha em casa um *harem* organisado.

O Lemos, cidadão morigerado,  
Vivendo em santa paz, tranquillamente.  
Com sua boa esposa, castamente,  
Era do Brito amigo dedicado.

Querendo ter a prova um bello dia,  
Sé era certo o que delle se dizia,  
Bateu-lhe à porta, alegre e prazenteiro:

— Meu caro amigo: eu venho aqui saber...

— Já sei, responde o Brito, queres vê...?

E a sorrir, indicou-lhe... o *gallinheiro* !

Fpolis, 1—9—916.

*Nuan*

O brilhante chronista João José annotou em sua Carteira, domingo ultimo:

«Chove sempre e não ha luz, no espaço e nas almas.»

Desculpe-nos a franqueza o presado collega. Estamos em desacordo com o seu pensar.

Apezar das chuvas, honve muita gente que deu a luz...



## D. Joaquim Domingues

De sua visita pastoral ao Clube do Brasil regressou aquaria feira ultima, o exmo. sr. d. Joaquim Domingues de Oliveira, digno clérigo da Igreja, sacerdote católico.

Ao desembarque de S. Paulo houve comparsa em crescente numero de católicos, tendo se feito representar o exmo. sr. dr. Goviniano do Brasil e as agremiações religiosas.

*A Phenix* apresenta ao ilustre prelado os seus votos de boas vindas.

## Gymnasio Sta. Catharina

Da Congregação Mariana de N. S. do Bom Conselho recebemos dedicado convite para assistirmos a XIX sessão solemne que se realizará no dia 7 do corrente, no Gymnasio Santa Catharina, em

beneficio do patriótico Tiro 40.

No programma da sessão constam as representações do drama em 3 actos *O Filho Prodigio* e da comédia em um acto *Bola de Neve*.

Agradecemos a gentileza e nos faremos representar.

# CARTAS DE UM MATUTO

Que o premetido é devi lo  
Afirma um veio rifão  
E é por esta razão  
Que segunda carta le envio;  
Agardescendo o favore  
Pela otra publicada  
E le contando a maçada  
Que um parente meu ovio.

Antes poram de diriê  
O açoito principá  
E' meu devê espricá  
O mô parente quem é,  
E' bão andá prevenido.  
Como o rapaz inda é novo  
Nao vâ p'ra boca do povo  
Dá que falá as muié.

Como sabe o mô amigo  
Em vista deças mudança  
Carecc te segurança  
Com os fio de famia;  
Tem se visto tanta coisa  
E' sempre bão te coídado  
Nao dexá ir no Mercado  
Andá em má companhia.

O K. Zéca mô sobrinho  
E' um rapaz criançola  
Parece sofre da bola  
Por sê um pouco traveço;  
Mas é bem inteligente  
Isto mesmo já provô  
Quando um Rato encontrô  
Virado pelo aveço.

Parece não sê inzatô  
O que acabo de contá  
Mas eu le posso prová  
Com um bandão de testemunha;  
Pois muta gente foi vé  
Sendo por elle afirmado  
Que o bicho tava virado  
Por não te pello nem unha.

Já vê pois que o mô sobrinho  
Não fazendo afronta aos mais  
Parece sê um rapaz  
Para sê aproveitado,  
Não perdendo a vocação  
E n'um colejo metido  
Em breve tem conceguido  
Se dotô inzaminado.

Ora sendo o mô K. Zéca  
Um cabocro tão esperto  
E' justo que eu dece crêto  
Ao que me veio conta;  
Nem tudo, bem entendido.  
As vez eu faço um desconto  
De noventa e nove e trez ponto  
Dexando o resto ficá.

Mas porem vamo o causo  
Ovi com toda a tenção  
Honde uni bravo capitão  
Tém um papé saliente;  
Foi um duélo danado  
A coisa foi mesmo groça  
La pros lado da Paioça  
Indo tambem um Tenente.

Sairo d'aqui os home  
E fôro da um pacejo  
Em viage de recreio  
Pra banda do continente;  
Encontrando o inimigo  
Que se achava d'emboscada  
Não pençaro mais em nada  
Foram de unhas e dente.

Travo-se então o combate  
Uma luta encarniçada  
Saindo de cara quebrada  
Um heróe dessa batalha,  
São coisas da *arma* branca  
Quando está envenenada  
Que produz na ritirada  
Os efecto da metralha.

Pois senhores um passeio  
Com tanta infelicidade  
Antes ficá na cidade  
Sentadinho no café,  
Ao meno vai se assistindo  
Coisinha bem engracada  
Palavras atrapaiada  
Que ia dando em banzé

Foi na semana passada  
O causô que stô contando  
Que no café ia dando  
Em groça pancadaria;  
Stava um negociante  
Lá das banda estrangera  
A fala d'uma manera  
Que pouco agente entendia.

O Gafaroli descutia  
Sobre a questão de limite  
Dizia: Hercilo e Simite  
São os politico miô;  
O resto... o resto não prestas  
E não tem nenhum valô.  
Perto Stava o professô  
Na guéla criô um nó

O homem ficô ton brabo  
Que de vremeio arroxô  
E no Gafaroli pulô  
Que eu vi o causo encrencado;  
Pedio uma espricâo  
Com carma e bôa manera  
Puxaro duas cadera  
E assim foi espicado

Senhô professo Oreste,  
O resto... o resto dos home,  
Nao é Oreste seu nome,  
O reste que eu tem falado,  
E' o resto dos politico  
Que pera nós não fazes nada  
Veja você que embrulhada  
Assisti eu o K. IADO.

\*\*\*  
N'uma repartiçao federal:

Sr. Dr. Queira teceber os meus sinceros para-  
bens. Hontem devido o Dr. estar uo Estreito, não  
fui pessoalmente saudar o querido Chefe.

--Parabens porque?

--Pelo seu anniversario natalicio.

--Mas eu não completei mais uma primavera.  
E' um engano cordeal seu...

--Dr, Eu não me enganei.

A minha filhinha leu hontem na *Phenix* uma bo-  
nita noticia do seu anniversario.

--Sim. Muito obrigado, disse o chefe da Re-  
partição, mal contendo uma gostosa risada.

## Recordações

A' Jóe Collaço

Si esta boa gente de Florianópolis não tivesse muitos outros títulos a recommendal-a a admiração dos forasteiros, bastar-lhe-ia para tanto este que sobreleva a todos os demás: a sua extrema hospitalidade.

Neste recanto maravilhoso da nossa Pátria ha corações abertos para o hospede amigo, e o estranho se encontra dentro de pouco tempo em um círculo de amizades preciosas, em um convívio cordial e sincero que o prendem, o captivam, assimilando-o em breve ao viver simples e tranquillo desta população amavel.

Accrescente se a isto a sedução do meio phisico, desse conjunto inegualável de bellezas com que a Natureza dotou esta região privilegiada — e comprehendendo-se-ha a razão por que o forasteiro dilata a sua estadia nestas paragens e não raro aqui permanece, *captivus de tæs encantos*, procurando no meio desta população amiga, campo à sua actividade.

Eu sinto-me feliz em Florianópolis. Vai longe o tempo em que, conduzido pelo destino, vim pedir a gazalho nesta boa terra. Contava então apenas dezenas annos.

Deixava bem distante o lar e sentia uma saudade immensa das horas felizes que eu alli passei.

E, (extraña organisação moral a de quem sente os aculcos da saudade:) no meio deste paraizo incomparavel, eu vivi dois annos segregado de todos, sentindo a alma dilacerada por uma tristeza enorme que me prostava e me abatia...

Cedeu por-sim esse estado moribido a ação poderosa dos impulsos naturaes da idade. Eu completaria meus dezoitos annos e começava a ter a fascinação da vida. Amei e como toda a gente nessa idade, fiz versos de amor.

Aos dezoito annos o coração está cheio de ilusões e o cérebro vazio de idéias utilitárias.

Na torrente impetuosa das minhas illusões, dei-xei arrastar-me para o paiz do sonho e da utopia.

Ingenuo e puro, o meu primeiro amor tambem era assim correspondido.

Ah! eu a encontrava todas as tardes, quando regressava da escola. Tinha uns cabellos côr de ouro; os seus olhos eram azues; o seu talhe esbelto e chamava-se...

Para que o nome? Não profanemos o primeiro amor. Durante um anno, que se escoou rapido, dei-xei-me embalar na torrente impetuosa das minhas illusões.

De novo o destino me arrancava d'aqui. E eu agora quizera ficar!

Voltei para o meu lar e aquelle amo primeiramente continuou a illuminar toda a minha vida com a claridade suave de um crepusculo sem nuvens...

Depois o destino enlaçou-me a outro coração e o outro coração enlaçou-a o destino.

Corremos a cortina do esquecimento sobre o passado e que adormeça na minha alma e na alma d'aquelle que amei, esta visão fugidia de uma ventura morta...

\* \*

Mas...a que vem estas recordações? — perguntarias tu, meu carissimo Jóe.

Eu vou contar-te.

Estiveste naquella festa encantadora onde gentis patricias nossas trajando de branco, alegres e risonhas, serviam aos convivas em taças de fino sérves, sabrosoissimo chà, não é verdade?

Ouvistes aquellas vozes argentinas que entoavam canticos de amor, enlevarando, arrebatando os corações não é certo?

No torvelinho das valsas te deixaste conduzir, seduzido pelos encantos de alguma das mais bellas filhas de Florianópolis, não é assim?

Pois eu também lá estive. Tambem eu senti me extasiado por aquellas vozes argentinas, tambem eu deixei-me arrebatar no torvelinho das walsas.

E algo de mysterioso e dolente que talvez não tenha permanecido na tua alma, repleta de um doce platonismo que eu invejo e admiro, permaneceu na minha alma depois do delirio naquellas walsas; do encanto incomparavel d'aquelle convívio delicado e ameno.

E sabes porque, meu caro Jóe?

Vou dizer-te.

Eu tive naquella festa a visão seductora do passado.

Encontrara-a de novo. Tinha os cabellos côr de ouro, os seus olhos eram azues, o seu talhe esbelto e chamava-se...

Ah! o nome era outro!

Mas o fulgor de seu olhar era bem o mesmo; a sua voz tinha a mesma sedução: o seu sorriso era o mesmo...

Saihi tarde do baile.

Adormeci e sonhei.

Sonhei com esse passado onde se occultam tantas recordações dulcissimas da minha vida, e em sono revivi um tempo que se extinguuiu, contepliei uma clareira batida de sol que ja deixei bem distante e que foi apenas um hiato na minha existencia atribuida.

## A margem de um conto

### (Para o Léo)

Assenta do molde a tua felicissima phrase, como pontaria certa ao quasi imatingável alvo social: *Mulher e Amor!*...

Eu que estava a intumecer o espirito com as paginas de *Tito Livio*, não havia meio de concordar contigo...

Neste ninho de poetas em que vivemos, parca de recursos é a nessa lingua para fornecer, adjetivos com que possam os sonhadores thuribularem a ambos. O insenso da lisonja não ha mais que queimar.

Os mais descabidos conceitosinxurram por ali em fora em sonetos mil.

Medram, abundam as *quadras* d'engenhos m tanguidos.

A mulher é *rainha, anjo, deusa, céu!*

O amor é *poesia, paz, felicidade, vida!*

Há rasgos de sabenças--verdadeiros voos de genios em..... des.ragada escola!

Nada que vilesça os seus anhelos!

Sempre há uns atenuantes irresponsáveis á pena dos sonhadores.

Ella é succada, garrida? Já é um dote.

O erotismo bruto abemola té mesmo o mais aspero com que vem desharmonizar-lhe o conceito. Nada o desfrisa.

Hoje, piamente creio na tua *phrase*.

Bohemisando, disseste uma grande verdade. Foi que eu inferi: "Mulher e amor, si não existissem, preciso seria invental-os para que ninguém pensasse no desmancho deste globo"!.... E é isto.

Capital-25-8-916

*Flavio Romero.*

## Visita Honrosa

A nossa modesta tenda de trabalho foi honrada com a visita do nosso distinto conterraneo sr. Tenente Coronel João da Silva Ramos, digno Superintendente Municipal em exercicio, que nos veio agradecer as referencias, alias justissimas, que lhe fizemos ao noticiarmos a sua posse n'aquelle cargo. S. S. entreteve comosco agradavel palestra, mostrando-se satisfeito com a orientação que temos seguido e tendo palavras de incitamento para a nossa revista.

Agradecendo a honrosa visita do presado cestadoano, fazemos votos para que a sua administração seja proficia aos interesses do nosso municipio.

## "A LENDA DAS ROSAS"

Alvaro Moreyra, o bizarro poeta da *Casa Desmoronada* e da *Legenda da Luz e da Vida*, enriqueceu a Arte com a recente publicação de mais um livro de versos, à que deu o suggestivo titulo: *A lenda das rosas*.

O auctor é um artista de fina estirpe, originalissimo e os seus versos têm accentuado o destaque de um grande esmero de forma, a par de uma harmonia rythmica, surprehendente.

Na «Lenda das rosas» ha paginas de uma delicadeza encantadora.

Vamos deliciar os leitores da «Phenix», transcrevendo estes versos, de belleza incomparavel:

--Não colhas essas rosas,  
As rósas,  
irmans na Terra das estrellas,  
são mais lindas nos olhos que na mão.

Contenta-te com vel-as  
Deixa-as na haste,  
junto da vida, cór de purpura e ouro,  
Se as colhères, as rosas morrerão»

Não quiz ouvir o teu agoiro.  
Colhi todas as rosas que nasceram  
nos carinhos pór onde me levaste  
E as rosas não morreram....

### Prece

Quero de ti a promessa:  
quando vier o ultimo sono,  
has de poesar-me a cabeça  
em folhas mortas de outomno....

--para que eu sonhe (tão lindo  
o sonho dos sonhos vãos)  
que eu vou sereno, dormindo,  
no amparo das tuas mãos....

Abrilhanta as columnas da «Phenix» a collaboração de uma talentosa patricia que se oculta sob o pseudonymo de *Mme. de Crysanteme*.

*A vítima* é uma bella pagina litteraria que revela um espirito fino de observação.

*Mme. de Crysanteme* promette-nos, assiduamente, os lavoros de sua formosa intelligencia.

As leitoras da «Phenix» estão de parabens, portanto.

# Tempos idos

## Como se fazia um «honorario»

Agora que as nossas Academias e Escolas Superiores eliminaram por completo o antigo e tradicional costume do «trote», regimen de vexames e zombarias a que eram sujeitos, durante alguns meses, os secos neophitos vale a pena recordar uma passagem interessante a que assistimos, vae para mais de vinte annos.

N'aqueles bons tempos, á parte alguns raros casos de abuso e violencia praticados por «veteranos» mal educados, era o «trote» uma verdadeira instituição escolar, a que nenhum calouro, por mais nobre que fosse a sua origem, poderia escapar.

Para elles essa época era encarada com um certo terror, enquanto que para os «veteranos» era a melhor do anno, visto permitir-lhes gostosas gargalhadas e jogos de espirito, em que saboreavam o prazer dos deuses, a vingança, do que elles próprios haviam por sua vez tambem sofrido.

Homens graves e sizudos ha hoje na politica, nos altos postos militares e civis, que foram terríveis «trotistas», quando estudantes.

Alguns mesmo tornaram-se notaveis pelas provas a que sujeitavam a paciencia e a educação dos miserios calouros. Assim é, por exemplo, que, depois de contrangelos a ler-lhes em voz alta, de fio a paivio, todo o "Jornal do Commercio", obrigavam-nos ainda a assignalarem com um lapis de cor uma mesma letra em todas as palavras em que a encontrassem.

Antes exigiam que o pobre calouro lhes enchesse o moringue com agoa que iam buscar a boa distancia, subindo e descendo escadas, transportando-a de cada vez n'um insignificante dedal, até encher totalmente o moringue, o que, é bem de ver, levava horas a realizar-se.

E enquanto os pobres calouros suavam em bicas para desempenharem a soporifica incumbencia sob a ameaça de trote mais pesado e rigoroso, os veteranos aguardavam descansadamente o termo do insano labbor, comodamente refestelados.

Na Escola Militar do Rio, principalmente, o «trote» tornou-se famoso, devido ao pitoresco e espirituoso de que se revestia. Que o digam Lauro Muller, Felippe Schmidt, Salles Brasil, Alleluia, Taulois, Nestor Passos, H. Cotrim e outros muitos, para só citar os filhos cá da terra.

O facto que lhes vou narrar deu-se ahi por 1890 la vinte e seis annos, portanto.

Por esse tempo foi enorme o numero de «bichos» (calouros) matriculados e que correram de todos os recantos do Brasil, atraídos pelo brilho e prestigio adquiridos pela farda com a proclamação recente da Republica, e natural preponderancia da classe militar. Para isso Deo Ioro, num movimento natural de propaganda, mandara ampliar o mais possível o numero de alumnos matriculados, creando assim o solido balaruante que foi aquella Escola na defesa das novas instituições.

Os «veteranos» de então tomaram um fartão de trotes, pois tiveram a seu dispor «bichos» de todos os feitos para sobre elles exercerem a sua tyranica soberania.

Entre os desse anno, um havia, filho do Amazonas, bello typo de cruzamento do portuguez com o nosso inião, l'aquelleas pitagens.

Morenho, cabello negro, duro e luzidio como os seos ascendentes indigenas, thorax amplo e robusto, o Sevalho era de facto um bello typo nacional, que muita «sórite» deu, por signal, com o bello sexo de Toulon e Marselha, quando por lá anjou, mais tarde, com outros collegas, em missão de Floriano, para guarnecer o «Benjamin Constant», cuja construção se ultimara. Que o diga o Cotrim, um dos felizardos dessa magnifica embaixada. Mas volvamos ao nosso caso.

Um desabusado «veterano», notavel nadador e mergulhador, observando que o Sevalho não se vergava a nenhum «trote», tendo exgotado a paciencia de varios veteranos, resolveu experimentar-lhe tambem a resistencia physica.

Para isto levou-o ate a Praia Vermelha, na occasião em que toda a rapaziada ali se entregava ao prazer do banho de mar.

Sabe nadar, «seu bicho»? perguntou-lhe.

Um pouco, respondeu modestamente o Sevalho.

Negrinha, gritou então o veterano para os companheiros, vou dar um «caldo» a este bicho. Venham gozar.

Atiraram-se ambos n'agoa, veterano e bicho nadando um ao lado do outro.

Quando a umas trintas braçadas de terra, o famoso veterano mergulhador, prendendo as mãos do Sevalho, levou-o ao fundo, num mergulho vertical Da praia, a alumnada toda assistia à troça, na esperanca de muito ter que rir da cara do pobre «bicho» quando voltasse rebocado, com uns dois ou tres litros d'agoa salgada no estomago.

Passaram-se, porém, um, dois, tres, quatro e

# A PHENIX

cinco minutos, sem que os mergulhadores voltassem a toma.

Apprehensivos já, os veterano se atiravam ao mar para salvarem os compênhieiros, quando, esgotado outro minuto ainda, viram surgir os dois vultos, nadando um desembaraçadamente enquanto o outro lhe vinha inerte sobre o dorso lusidio. Enorme e geral foi, porém, o assombro, quando ao chegarem os dois a praia, verificou-se que o «troteado» fora o veterano, vencido pelo «bicho» que, tendo maior fôlego que aquelle, o constrangera a tomar o «caldo» que pretendera applicar-lhe. Virara assim o feitiço contra o feiticeiro.

Desde então foi o Sevalho acclamado unanimemente «Veterano honorario», regalia essa só exceptionalmente concedida.

E digam lá si lhe faltou razão.

Chico Faisca

## Nugas e fugas

Sotero dos Reis, celebre philologo e grammatico maranhense, que floresceu pelo terceiro quartel do seculo passado, era, como todo grammatico d'aquelles tempos, de uma exigencia a toda prova em questões de vernacula.

Innumeras foram as apedocatas deixados por elle, quer no Lyceo, onde professor, quer na imprensa, que illusrou.

De uma feita, assistia elle a uma sessão da Assemblea Provincial maranhense, quando um deputado pernóstico chama-lo Satyro de Farias discursava sobre um assumpto, que não importa saber.

Em meio de sua arenga disse o deputado: «Senhores, é mais que preenchemos esta lacuna.....»

Ao que, Sotero, não se podendo mais conter, exclamou: «Apóiado, Snr. Sátiro de Farias!.....

O pobre deputado perdeu as estribeiras, com a hilaridade provocada por Sothéro e têve que sentarse, sem concluir seu béstialogo;

-- De outra vez, porém, foi elle menos feliz com um de carado e espirituoso estudante do Lyceo.

Sotero examinava Portuguez, para prova final e, como era adoptado n'aquelle tempo, tratava-se de analysar grammaticalmente um trecho de Camões.

«Porem já cinco sóes eram passados»

«Que d'ali nos partiramos, cantando etc, etc.

A analyse correra mais ou menos mal, quan-

do, e ao chegar a terceira palavra do segundo decassylabo, perguntou Sotero ao examinando:

-- Ali, que parte da oração é?

Verbo, respondeu sem pestanejar o estudante.

Como perguntou novamente Sotero, firmando os oculos no nariz, o que n'elle era signal de bomba certa para o examinando.

Verbo, confirmou impavidamente este.

Pois então conjugue o seo presente do indicativo.

-- Pois não, volve o estudante:

-- Eu aqui,

Tu ali,

Elle acolá;

Nós aqui,

Vós ali,

Elles acolá.

## No Album de minha irmã

### Sinhazinha

Feliz nos seus lares a urura mimosa, se a vida vai calma nos bosques dormida.

Bem longe nas mattas, por entre os perfumes d'aquellas devezas, de florés e pennas, occulta nas ramas, a urura descansa no leito de amores.

Seu ninho conserva da vida o frescor, que a linda, mimosa, sorrindo na aurora, gemendo aos luares, não deixa seus lares de vida tão calma por falsas paragens, de grandes pomares, mais cheios dos laços que os homens lhe tecem.

Feliz da mimosa, se a vida vai calma, no bosque escondido dos frescos palmares.

Depois das tormentas que estrugem as selvas, lá vem na corrente do manso riacho, nas aguas que gemem as vezes a urura boiando sem vida.

Coitada! se nhava prazeres sem fim nos scios do mundo fugindo dos lares, buscava delicias, baixava das mattas aos campos do homens.

Venturas colhia e lidando cançou, e a pobre sem forças, o gozo amortecê, voava a seus lares, pedindo a floresta descanso e perdão.

No bosque a tormenta rugia tremenda, as azas batendo, medrosa, assustada, tentava esconder-se n'un ramo seguro.

Mas ai, era tarde, seu corpo esmorece, seu peito lhe arqueja e o bico entreaberto, gemendo, tristonha, vacila e desmaia...

Nas aguas tão lindas do manso riacho, depois das tormentas, as vezes a urura deslisa serena, boiando sem vida.

A vida no mundo, prazeres ruidosos, que passão violentos, nos gastão o corpo, nos perdem a alma

-- Amor, Sinhazinha, virtude e constancia, são bens que nos trazem os gozos mais puros, venturas mais longas.

Dr. Paranhos Schutel (Insulano)

# Pelo mar

(Impressões do ANNA)

... Era a nossa "hora de arte". Todas as noites era aquillo. Música, phrases, risos... Num balanço que deliciava, o Anna rumava para Santos, naquella noite boa, desse luar saudoso. Um suave meigo estremecia as cortinas vermelhas que formam triângulos nas amplas vigias do salão. Via-se o mar encarapinhado a esteira de prata que a lua deixava cair das alturas.

A nossa hora de arte era aquella.

Durante o dia a azáfama de bordo, os apertos de commando, os exercícios de marinagem; leituras espreguiçamentos, coizinhas...

Com a noite, porém, o temperamento artista, le Othon d'Eça, o doutorando, que vinha serbo a mais querida da viagem, atraiu-nos ao terraço. O piano, sob o sorriso meigo da loura menina "Anna". Aquillo nos fazia bem. O acaso, as eventualidades da vida, a realização de negócios, o récreio, nos reuniam alli, naquelle salão confortável, em pleno mar alto; tiravamos o melhor daquella camaradagem que o mar nos oferecia.

Othon d'Eça, exthetico ate no nome, era o pontífice desses saraus. Agigantado, de bonet oficial, capa ampla, suissas lustrosas, bem escanhoado, elegantíssimo, lembrava qualquer cousa complementar, definitiva, sem a qual a viagem seria insípida e desagradada.

Formavamo-nos o círculo. Os mesmos sempre: um capitalista d'óculos pretos, senhor de mil pés de fumo, para os lados da Bahia; um mecânico roliço, bigodes Kaiserescos, escorregido, sempre a mostrar no peito uma escandalosa gravata vermelha com ferradurinhas cinzentas; o doutor, distinto, gorduchão também, falar cadenciado, bom e affavel; um engenheiro brasileiro com um nome alemão, alto e secco, que ia construir açudes nos sertões do Norte; uma trentinha original que comia queijo do reino com azeitona, e bordava ao sol acançando um galgo branco; duas senhoras mais e mais uma lindinha teuta-brazileira, pequerrucha de dois annos, que a todos encantava pela suavidade da voz e pelo rostinho franco e sadio.

Antes da muzica, Othon contou-nos as "Memorias" dum gato velho, impagável relato da vida e philosophia felinas. D'Eça pensou como Eça pensou, e, ao envez de dependurar verdades ao bico dos milhafres, pol-as na garganta dos gatos velhos.

Agora musica. Naquella noite de luar o círculo pediu canções, pedacinhos de alma do povo, cousas ticia referente ao nosso ultimo numero.

senhas, vividas, bem do coração. Piano em pianissimo.

Ouvia-se uma linguagem canção americana: a história dum vida que lutou e não venceu; uma trova hespanhola, acastanhada, (piano forte,) lembrando idilos em Soragoça; um fado que evocava Portugal afoito, sobre mares nunca doutrem navegados, a cantar saudade do Tejo; uma chanson em que bailavam *ajaches* e *grisettes*; um lied alemão, á Schumann, bem rhénano...

E o círculo sentia-s felizes. Fazia-nos bem escutar, sentir viver esses povos pelas suas almas traduzidas em tão suaves canções.

Mas, o que mais aos sensibilisava, era a saudade que os cantos nos avivavam. A terra catharinense ficaria para traz, com o sol daquelle dia. E a saudade nos viajava, desci da luar, tocar-nos o coração.

Othon avisou que íamos ter a molinha brasileira. Alguém que amava ao fanatismo a canção nacional, notou que só agora com Abigail, a nossa canção vem sendo apresentada aos aplausos do povo. Falou-se do poder extraordinário da canção e lembrou-se que si o velho Portugal tem resistido aos achaques, às aranhas das solidões, deve-o a força energica que os tiros têm, quando as gargantas portuguezas os soltam ao céu da sua Patria.

Othon cantou canções brasileiros. Pelos do Norte, onde o luar "mais parece um sol de prata praticamente a solidão"; pelos do Sul lembrando taperas, praias amplas e brancas e a magestade monotona dos pampas.... Palmas:

Lá fôra a Lúa, sobre o crespo do mar, estirava uma mowedica estrada de prata.

Laercio Caldeira

## Visita

Deu-nos o prazer de sua visita o nosso ilustre confrade Sr. Professor Arnaldo Santiago, digno deputado ao Congresso Representativo do Estado.

Somos gratos a essa gentileza do digno deputado que tanto se tem salientado entre os seus pares.

Manifestamos muitíssimos agradecimentos ao nosso prezado collega *O Estado*, pela sua gentil noticia referente ao nosso ultimo numero.

Club 12 de Agosto

Quando accordei, batia la fóra pelas calçadas, a chuva impetuosa e a tormenta desencadeada rugia assustadoramente.

E assim é a triste realidade...

*Mario de Souza*

Diz «O Dia» em edição de hontem, que brevemente aparecerá n'esta Capital uma revista systhema *Fon-Fon* do Rio, trazendo uma desenvolvida parte litteraria, uma commercial e outra de critica fina.

Tudo é assim n'esta nossa santa terrinha!

Ningem se abalança a inciar isto ou aquillo, mas quando alguém, sacudindo o marasmo, funda qualquer empreza, a despeito de todas as difficuldades, aparecem logo os imitadores, com o intuito de melhorarem aquillo que lhes agradou, mas no que antes não tinham pensado!

Dispondo, segundo affirma «O Dia», de gente tão escolhida e apta é provavel que a ex-futura collega não se faça esperar. Desconfiamos porém... que isto não é para quem quer e sim para quem pode, senão, veremos.

Fallecimentos

Falleceu domingo ultimo nesta capital a respeitável matrona d. Maria C. da Silva Andrada, viúva do saudoso coronel Luiz Gomes Caldeira de Andrade, fuzilado na Fortaleza de Santa Cruz.

O enterro do cadáver da veneranda senhora realizou-se domingo á tarde, com grande acompanhamento, tendo *A Phenix* se feito representar pelo nosso collega de redacção Clementino de Britto.

Aos seus filho e genro, nossos amigos srs. dr. Alcino Caldeira e Tenente Carlos Tzuloi e demais parentes, reiteramos as expressões do nosso pezar.

Após longos padecimentos, falleceu quarta-feira a exma. sra. d. Maria José de Souza Lobo, dilecta filha do venerando conterraneo sr. José Theodoro de Souza Lobo.

O seu sepultamento, que se effectuou na tarde d'aquelle dia, foi muito concorrido.

*A Phenix* apresenta á familia da exticta as suas sinceras condolencias.

—O cão fraco acodem as moscas.

—O medo faz mais tyrannos que a ambição.

Do sr. João Moura Junior, digno 1º Secretario do sympathico Club 12 de Agosto, recebemos gentil comunicação da posse de sua nova directoria, que ficou assim constituída:

Presidente, Joaquim Garcia Netto; Vice, Fernando Avila; 1º Secretario João Moura Junior; 2º dito, Lauro Carneiro; Orador, dr Nereu Ramos; The- soureiro, Luiz Araujo; Adjunto, Alberto Moellmann; e procurador José Victor Garcia.

\* Agradecendo a gentileza da comunicação desejamos a nova administração do velho Club 12 farta messé de felicidades.

Carrapichos

Está na berlinda o celebre e fagoso diploma- ta argentino Zeballos.

Mais uma vez confirma-se o sabio preceito de Augusto Conte: *O homem se agita e a humanidade o conduz...*

Bastou o Sr. Zeballos agitar-se em Buenos-Ayres... logo a ardorosa mocidade, no Rio, o conduziu... em charola.

\* \*

O serviço telegraphico do *Estado*, terça-feira ultima, informou que «continua fazendo sucesso no Theatro Municipal, do Rio, a dansarina S. Duncan que dansou apenas de gaze sobre o corpo.»

—Ora, ahí está uma artista que soube compreender muito bem as palavras do immortal Eça de Queiroz: «sobre a nudez forte da verdade, o manto diaphano da phantasia.»

\* \*

N'um raid de infantaria, realizado no Rio, o alumno militar Ivan Charpentier Ferreira fez 42 kilómetros em 3 horas e 40 minutos.

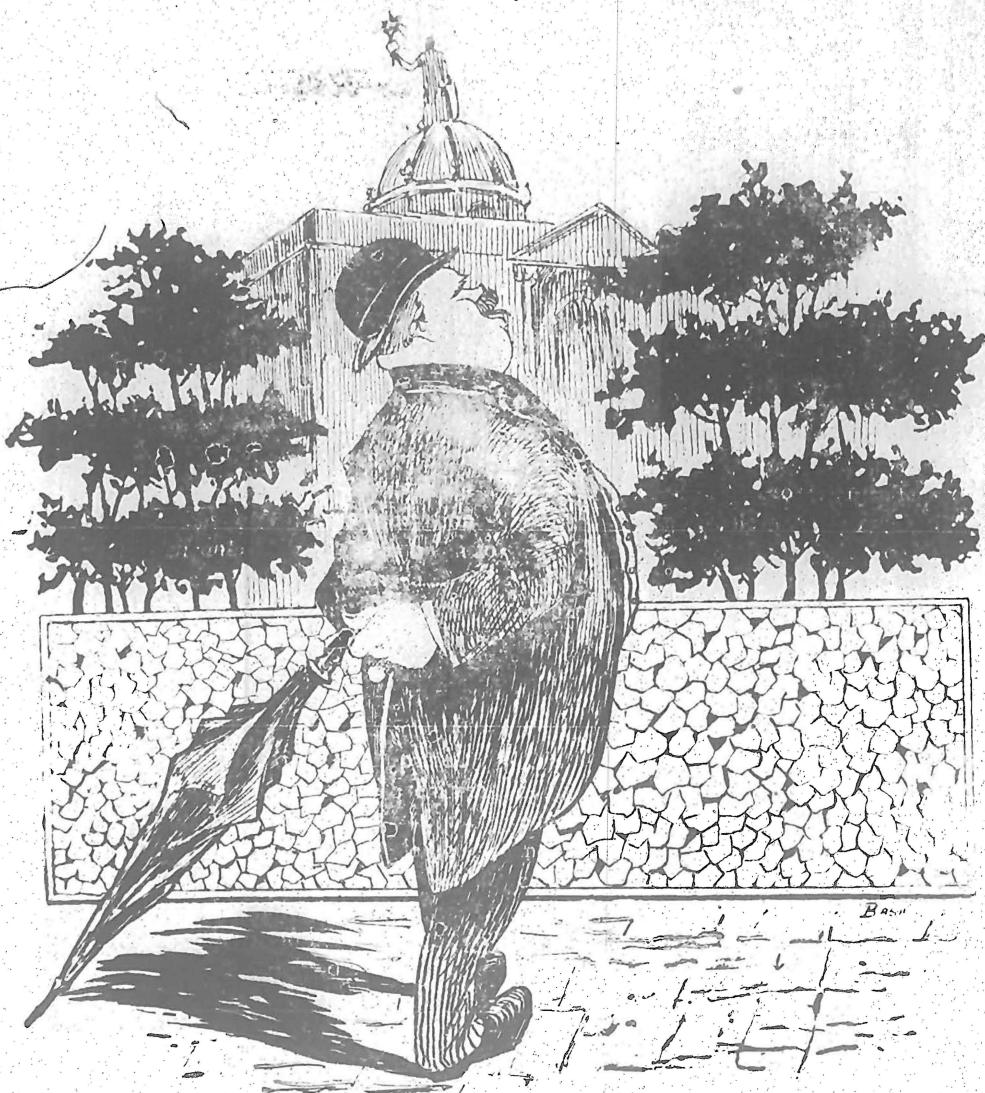
—Esse camarada está bem talhado para servir de estafeta postal entre Campos Novos e Curitybanos com o novo horario.

O commissario de polícia: — Quem o prendeu? O preso: — Dois guardas civis.

— Por bebedeira?

— Sim senhor. Estavam ambos bebados.

# Os nossos deputados



Discutiam dois conhecidos republicanos da velha guarda.

---Então, coronel, elles pensam que haverão de fazer o que querem?

O meu município tem *anatomia*...

---Sim, comadre, eu penso assim também. É uma campanha *ingloriosa*.

---A lancha do Estreito approximaya-se e apena ouvimos:

Até amanhã comadre. Estamos a sua *indisposição* ali no Estreito...

## Uma panacea

*Mme. Requilda:* Infelizmente a medicina conhece um remedio universal.

*Sogra d'un medico:* Acho que conhece. Eu, por exemplo, qualquer cousa que eu sinta, sempre meu genro me recommenda mudaça de ares...

*Elle:*---Então que diabo faz esse rapaz que vai casar com a tua amiga Helena?

*Ella:*---Faz uma asneira.